



Encontro Inter-regiões - Nordeste

Região Nordeste - Evento virtual
De 1 a 31 de outubro de 2020



EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00573
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal da Bahia
CAMPUS	Salvador
CIDADE	Salvador
UF	BA
CATEGORIA	JO
MODALIDADE	JO16
TÍTULO	Documentário "Toque Feminino: Mulheres Percussionistas de Salvador".
ESTUDANTE-LÍDER	Cristiana Fernandes de Souza
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social - Jornalismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Marcelo Monteiro Costa (Universidade Federal da Bahia); Gabriela Ferreira de Jesus (Universidade Federal da Bahia)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

Toque Feminino: Mulheres percussionistas de Salvador é um documentário que se propõe a contar a trajetória de mulheres que escolheram o universo da música percussiva, não só como campo de atuação, mas também de expressão artística e resistência frente a notória assimetria de gênero no cenário musical da Bahia, em especial, de Salvador. Como reflexo do contexto do mercado de trabalho brasileiro, o meio musical apresenta também divisões de papéis a serem ocupados baseados na demarcação de gênero. Aos homens, ainda é reservado o papel de instrumentista e às mulheres cabe o lugar apenas de cantoras/divas ou dançarinas. No cenário da música percussiva feita em Salvador, somente a partir da década de 90, mulheres começaram a ocupar esse espaço. Pode-se afirmar que a criação da Didá Banda Feminina, em 1993, por Nequinho do Samba, ex-maestro do grupo Olodum, foi um marco. Na mesma década, foram instituídos grupos compostos apenas por mulheres a exemplo do Bolacha Maria, criado por Carlinhos Brown, "As Meninas, Batom Lilás, Brincando de Eva, Arte de Saia e De Batom" (GUERREIRO, 2000, p. 206). A antropóloga baiana, Goli Guerreiro, em seu livro A Trama dos Tambores, elenca possíveis motivos para essa assimetria de gêneros: "talvez seja uma contingência histórica que está ligada às origens da percussão na Bahia, desenvolvida em espaços rituais". (GUERREIRO, 2000, p.197) Para a autora, "há um elemento comum tanto à música ritual do candomblé e da roda de capoeira quanto ao ambiente percussivo profano: os homens tocam os instrumentos" (GUERREIRO, 2000, p.197). Porém não só a música baiana é afetada pela ausência das mulheres como instrumentistas, esta é uma característica do meio musical brasileiro como um todo. Quando falamos em música baiana, nos referimos desde as bandas de axé music, de pagode, samba, aos novos artistas que têm surgido na cena de Salvador e que também utilizam instrumentos de percussão na sua formação - como atabaque, timbal, pandeiro, agogô, surdo, bongô, marcação, caixa, dentre outros. Mesmo com a constatação de que há grupos para experimentação musical restrito às mulheres, a atuação delas profissionalmente em bandas conhecidas no mercado musical baiano ainda é inexpressiva. Decidimos, então, mapear as percussionistas de Salvador, conhecer a trajetória de cada uma e elencar possíveis causas dessa desigualdade. Para isto, se fez necessária a aplicação de um questionário - visto que não havia nenhuma pesquisa que revelasse dados sobre as mulheres percussionistas em Salvador. O resultado da pesquisa ratificou algumas hipóteses que tínhamos e serviu como alicerce para que pudéssemos dar início à produção do documentário. Com isso, foi possível selecionar as percussionistas e as temáticas que julgamos as mais pertinentes para abordarmos no filme: o surgimento dos primeiros grupos, formação, religião, referências profissionais, motivação e preconceito. Mulheres como Mônica Millet, Rosemeire Santos (Ratinha) e Adriana Portela, instituições voltadas para o ensino de mulheres como a Associação Educativa e Cultural Didá, serviram de referência, ao mesmo tempo em que "preparavam o terreno" para jovens como Alana Gabriela e Maya Lord. Atualmente, a profissionalização e ocupação de espaços de maior visibilidade nos grupos e bandas de Salvador, tem se tornado uma realidade para jovens que passaram a entender que esses espaços têm seu valor e, sobretudo, são representativos para o gênero feminino. As lutas feministas em diferentes setores sociais, as instituições formais de ensino e projetos sociais contribuíram na e para a formação de mulheres percussionistas. Contudo, o mercado da música afro baiana ainda não consegue refletir em grande escala esse avanço e a lacuna posta entre a formação e a profissionalização dessas musicistas, tem diminuído a curtos passos, mas que têm se mostrado significativos.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

Pesquisadoras como Luiza Bairos e Bell Hooks nos ajudaram a pensar sobre as questões de gênero e raça que estão postas no filme. Trazemos, também, autores que nos ajudaram a pensar o produto e a sua concepção, como o crítico de cinema e teórico americano, Bill Nichols, Sérgio Puccini e a especialista em cinema, Cynthia Schneider. Para realizar este documentário fez-se necessária a aplicação de uma pesquisa aprofundada em livros, trabalhos acadêmicos, sites especializados na temática, registros musicais e redes sociais das percussionistas já conhecidas. Para além de encontrarmos fontes, essas pesquisas também se voltaram para afinarmos o olhar acerca de obras documentais, o que nos auxiliou na adoção de uma estrutura que favorecesse tecnicamente os vieses audiovisual, musical e cênico adotadas no documentário que realizamos. Como não encontramos nenhum mapeamento das percussionistas que atuam em Salvador, decidimos aplicar um questionário não só com a finalidade de identificar quem são as percussionistas, mas de estabelecer uma aproximação com elas. Após a pesquisa, selecionamos quais seriam as personagens, de modo que cada mulher respondesse, com a sua trajetória, a uma temática específica. Para reforçar a fala das percussionistas e trazer outras visões, convidamos a antropóloga Goli Guerreiro, e o produtor musical transgênero Ziaty Franco. Relatório de pesquisa Este relatório apresenta o resultado do Questionário - Mulheres Percussionistas realizado através da ferramenta Google Forms -, que buscou traçar o perfil socioeconômico e profissional das percussionistas que iniciaram sua carreira ou atuam no cenário musical de Salvador, além de conhecer a trajetória de cada uma das depoentes. A pesquisa foi aplicada entre 11 de junho de 2018 e 18 de janeiro de 2019, e contou com quarenta e quatro respondentes. Do universo de 70 mulheres percussionistas que, de alguma forma, tiveram acesso ao link da pesquisa enviado pelo aplicativo de mensagens WhatsApp, obtivemos a resposta de 62,9% destas, ou seja, mais da metade do público estimado. A estratégia foi atingir, sobretudo, integrantes de instituições de ensino musical como a Escola Criativa Olodum, Associação Educativa e Cultural Didá, Associação Pracatum Ação Social (APAS), Escola Ilê Aiyê, Quabales; grupos culturais a exemplo do Maracatu Ventos de Ouro, Mestras do Saber, Maracatu Santo Antônio; bandas e profissionais já consagradas dentro e fora de Salvador, previamente mapeadas, tais como: Lan Lanh, Lenynha Oliveira, Michelle Abu, Tamima Brasil, Larissa Luz, Cortejo Afro e Denny Denan. As perguntas do questionário foram divididas entre múltipla escolha, para as questões mais gerais, e questões subjetivas, nas quais elas puderam discorrer sobre suas vivências de maneira individualizada. Abaixo, destacamos algumas respostas que nos ajudaram a pensar melhor e definir as temáticas que iríamos trabalhar no documentário. As participantes que possuem algum familiar que seja ligado à música representam 70,5% das respondentes e apenas 38,6% têm a música como fonte de renda ou ocupação principal. Em relação à atuação como percussionista, somente 13,3% nunca tiveram contato profissional com grupo ou bandas; 88,7% das mulheres participaram de alguma instituição de ensino voltada para música percussiva; as instituições com maior incidência de participação dentre as percussionistas foram Didá (14), Pracatum (9), UFBA (6) e Escola Criativa do Olodum (5).

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Bill Nichols, em seu clássico *Introdução ao Documentário* (2008), sugere seis modos para classificar os documentários. São eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Desta forma, o produto documental intitulado *Toque Feminino - Mulheres Percussionistas de Salvador*, reúne os modos expositivo, reflexivo e poético. Ao final da produção, percebemos que há uma predominância do modo expositivo, devido aos depoimentos das mulheres que foram ancorados em imagens de arquivo. Já "o modo expositivo dirige-se ao espectador diretamente, (...) expõem um argumento ou recontam uma história" (NICHOLS, p. 142). É visível também o modo reflexivo, ao passo que buscamos promover a reflexão sobre o lugar da mulher na música percussiva e seu processo artístico. De acordo com o teórico, "o surgimento dos documentários feministas dos anos 70 fornece um exemplo claro das obras que questionam as convenções sociais" (NICHOLS, p. 167). O modo poético fica mais evidente no filme nos momentos em que tivemos a oportunidade de criar a partir do que foi dito em depoimento pelas personagens. É possível identificar também no documentário outras características relacionadas ao modo poético como: a composição feita em programas de efeitos com informações sensoriais e emocionais, por meio de recursos narrativos visuais sonoros e cênicos; através da exploração das cores, do enquadramento, do uso dos espaços e da argumentação discursiva. Para isto, utilizamos recursos narrativos inerentes ao jornalismo e à direção cinematográfica, no qual as entrevistas, conjunto de planos, iluminação, e montagem foram planejados e executados de forma que contemplasse a particularidade de cada história e relação entre elas pelos temas abordados e outros recursos. Pelo fato de a autora Cristiana Fernandes ser Bacharela em Artes com ênfase em Cinema e Audiovisual e já atuar na área do audiovisual, isso fez com que tivéssemos facilidade para encontrar parceiros que aceitassem fazer parte deste projeto de forma voluntária. Porém, acreditamos que a formação da equipe vai além da aproximação com Cristiana, houve também a aprovação da proposta de projeto em si. Jéfté Rodrigues (filmagem e direção de fotografia), foi o primeiro nome a ser cogitado, visto que ele já nos auxiliou no documentário *Uma Economia à Serviço da Vida*. Como optamos por usar duas câmeras, chamamos Fabíola Silva (filmagem) para operar a segunda câmera. Cristiana e Fabíola fizeram parte da equipe do programa *Jazz na Madrugada - TVE Bahia*. Inicialmente, Inagê Kaluanã foi convidado para fazer o grafismo do documentário, contudo, decidimos fechar uma parceria para que a produtora de Kaluanã, a Kaluanart, ficasse responsável pela edição, finalização e grafismo do documentário. A composição dessa equipe foi pensada com o intuito de termos profissionais, sobretudo negros, em que tivéssemos confiança e pudéssemos deixá-los à vontade para desenvolver a sua função com independência para criar e sugerir. Como Cristiana já os conhecia, tinha uma noção de como eles poderiam contribuir para o processo criativo, levando em consideração as nossas limitações de tempo, espaço e financeira.